

ATA NÚMERO 2.782 DA SESSÃO ORDINÁRIA
REALIZADA NO DIA 27 DE ABRIL DE 2026.

Aos 27 (vinte e sete) dias do mês de Abril do corrente exercício de 2.026, às 19:00 horas, na sala das Sessões da Câmara Municipal de Orlândia, Estado de São Paulo, sob a Vice -Presidência do Vereador Gilson Moreira, secretariado pelos (as) vereadores (as) Juliane Fernanda Pompilio e Luis Donizeti da Cruz, realizou-se esta **Sessão Ordinária** sob o número 2.782 - O Excelentíssimo Sr. Presidente, após invocação a Deus, convidou os nobres edis e demais presentes para de pé cantassem o Hino Nacional, seguido do Hino de Orlândia (nos termos do art. 116 do Reg. Interno), seguido de uma calorosa salva de palmas. Procedida à chamada dos Srs. Vereadores consignaram-se (11) onze comparecimentos. **PRESIDENTE:** Peço desculpa a todos que estão nos acompanhando, até justificando o atraso da sessão, do início da sessão, tivemos uma Audiência Pública que começou às 18 horas, com um pouco de atraso e por isso, nós tivemos aí 15 minutos de atraso e agora nós tivemos um probleminha técnico. Então, só pedindo desculpas aí, deixando claro o motivo do silêncio. Ratinho. (Neste momento foi realizada a chamada dos srs. Vereadores). Terminado o expediente, passaremos à ordem do dia. Solicito a Primeira Secretária, vereadora doutora Juliane, para que faça a leitura do projeto que se encontra na pauta da sessão para discussão e posterior votação. **JULIANE: Projeto de Lei Complementar nº 3/2026**, de autoria do Poder Executivo que "Altera a Lei Complementar nº 3.333, de 12 de dezembro de 2003, que dispõe sobre o Código Tributário do município de Orlândia para instituir a taxa de inspeção sanitária do Serviço de Inspeção Municipal, altera a Lei Complementar nº 84, de 13 de junho de 2024, e dá outras providências". **Parecer jurídico:** pela legalidade do projeto. **Parecer da Comissão Justiça e Redação:** pela apreciação em plenário. **Parecer da Comissão Orçamento, Finanças e Contabilidade:** pela aprovação. **PRESIDENTE:** Gostaria só de ratificar... Só dando sequência, então, coloco em primeira discussão o Projeto de Lei Complementar 003, 2026, de autoria do Poder Executivo. **JULIANE:** Passo a palavra o Antônio Carlos Leite. **ANTONIO:** Sr. Presidente, mesa, nobres vereadores, é a instituição de uma taxa. Não houve, até a presente data, qualquer medida em favor do comércio e da indústria de Orlândia por parte do Poder Executivo. E agora vem instituir uma taxa. Nós precisamos melhorar o nosso parque industrial, nós precisamos movimentar o nosso comércio, nós precisamos criar mecanismos para que a Orlândia desenvolva, para que a Orlândia cresça, e eu não acredito que criação de taxa sobre qualquer argumento, ah, vou melhorar o produto, vou melhorar o serviço para os consumidores, não acredito, não defendo e acho que agora é hora de nós estendermos as mãos para aqueles que já têm feito tanto e até têm se desdobrado. Eu faço menção de que no ano passado os empresários dessa cidade se reuniram para limpar os entulhos dessa cidade que a

administração não estava conseguindo e até hoje não consegue. E hoje vem, sob o pretexto de melhorar alguma coisa na cidade, instituir uma taxa. Eu entendo, e desculpe apenas o tom, mas eu precisava ser enfático nessa questão, enquanto o município, na pessoa do Poder Executivo, não fizer o mínimo, a semana passada nós vimos um comerciante chorando em frente do seu comércio porque a galeria pluvial em frente ao seu comércio não permite que pessoas adentrem no seu comércio com caminhão, com veículos. E aí nós vamos instituir taxa, tarifa. Não concordo, expresse aqui o meu posicionamento e acho que é uma covardia contra o comércio de Orlandia. Muito obrigado, Sr. Presidente. **JULIANE:** Passo a palavra para João Vitor Alves -João Pardal. **JOÃO:** Sr. Presidente, nobres vereadores, população presente, imprensa aqui também presente, quero me posicionar sobre esse projeto que cria taxa de inspeção sanitária do Serviço de Inspeção Municipal. Deixo claro aqui que sou completamente a favor da fiscalização, da segurança alimentar e da proteção à saúde da nossa população. O município precisa garantir que os produtos de origem animal cheguem com qualidade ao consumidor. Mas sou contra, completamente contra a criação de mais uma taxa para quem produz, trabalha e gera emprego aqui para o nosso município de Orlandia. Antes de criar uma nova cobrança, o executivo precisa demonstrar um pouco mais de clareza. Qual é o custo real desse serviço? Como esses valores foram calculados? E qual será o impacto direto para que os pequenos produtores, comerciantes e agroindústrias locais? Também entendo que um projeto como esse deveria ser melhor debatido com quem diretamente é afetado. Fiscalizar é obrigação do Poder Público. Criar nova taxa sem estudo claro e sem diálogo suficiente pode aumentar ainda mais a carga para quem já enfrenta dificuldades para manter o seu negócio. Por isso, com responsabilidade e respeito à saúde pública e compromisso com quem trabalha aqui no nosso município de Orlandia, eu quero falar que meu voto é contra esse projeto, Sr. Presidente. Muito obrigado. **JULIANE:** Passa a palavra para Rafael Palma de Araújo. **RAFAEL:** Boa noite, Sr. Presidente, nobres amigos vereadores, imprensa escrita e falada, todos os munícipes aqui presentes. Eu também fiz algumas anotações aqui. Essa inspeção existia, só não conseguiam cobrar a taxa, porque ela não estava dentro desse poder realmente da polícia aqui, da fiscalização. E eu lembro muito bem quando o Neto Dias Leite, ele estava como secretário de desenvolvimento e ele disse que essa taxa aqui a gente poderia colocar da forma que a gente achasse melhor. Como na semana passada teve o feriado, foi muito corrido, esse projeto chegou muito rápido às nossas mãos e eu também não quis entrar naquele dilema de colocar uma emenda muito em cima da hora, porque a gente já havia conversado sobre isso. Hoje, da forma que está, sem ampliar o debate com as outras pessoas, talvez eu lembre da necessidade, Sr. Presidente, de adequar para uma pessoa, através do Ministério Público, que chegou uma notificação para que se adequasse isso, a taxa de inspeção, para uma pessoa. Mas e as outras? Foram ouvidas? Tem um impacto financeiro. E aí eu vou ler uma parte aqui, Sr. Presidente, onde fala

assim, que vai colocar somente a cobrança para o ano que vem, justamente porque esse período de carência é essencial para que os produtores e as agroindústrias locais conheçam a nova norma, planejem seus orçamentos e se adequem à cobrança, evitando surpresas financeiras que prejudiquem a geração de empregos em Orlândia. Então, Sr. Presidente, mais uma vez, eu vou pedir vistas e gostaria que vocês aceitassem aqui para a gente ouvir os comerciantes. Eu poderia muito bem votar contra, mas eu gostaria de saber da Secretaria se ela ouviu esses comerciantes e se essas pessoas estão de acordo com essas taxas. Porque na própria justificativa diz que isso pode ter surpresas financeiras que prejudiquem a geração de emprego em Orlândia. Poderia simplesmente votar contra. Mas, mais uma vez, eu estou dando a chance de que a gente jogue isso para outra sessão e que a gente ouça os comerciantes. E também faço um apelo aqui aos comerciantes que se sentirem, de repente, dentro desse projeto, que possam nos procurar para que a gente também possa explicar e eles explicarem a visão deles. Se eles estiverem de acordo, ótimo. Se não estiver de acordo, aí sim a gente volta na próxima sessão. Então, fica aqui o meu pedido. **MAX:** Rafa, se eu puder dar uma parte da sua palavra? É óbvio que ninguém quer tomar para si uma carga tributária que já é exorbitante no nosso país. Absurdo isso. É o cúmulo da ineficiência. O cara só sabe gastar, gastar e botar a conta na cacunda de quem já carrega o Brasil nas costas. Se antes fosse só os comerciantes, imagina todo esse custo. Na verdade, quem suporta são os comerciantes. Quem vai lá e compra esse produto. Porque, no final das contas, isso aí é repassado para a população. O pior de tudo é isso, entendeu? Bastasse esse disel caro, esse desgoverno, essa bagunça geral e restrita no Brasil, ainda quer criar mais sobrecarga sobre o cidadão. Eu manifesto, eu já dava uma paulada e matava esse projeto no ninho. Agora. Obrigado pela parte. **RAFAEL:** O Max, a gente só tem que também entender, eu vou até citar um nome aqui, porque o ano passado foi mostrado para a gente. Existe uma pessoa chamada Guerra Milk que tem recebido uma notificação do Ministério Público para que isso seja adequado. E o Guerra Milk faz uma entrega de muitos produtos de origem animal no município. Então, nós precisamos dessa vista para conversar com ele, conversar com os outros produtores e entender o que isso, não aprovando, poderia prejudicá-lo. Talvez, e se a gente cortasse todas essas taxas? E se tirasse essa multa? Enfim. **MAX:** Dá subsídio, pô. Em vez de cobrar a taxa, seja mais eficiente. **RAFAEL:** Exatamente. **MAX:** Né Leite? Com a máquina pública, agora quer botar na cacuna dos outros. Brincadeira. **RAFAEL:** Exatamente. Só que nós precisamos entender, o Gilson participou disso junto com o Neto, o Leite estava aqui uma vez quando nós identificamos que isso já existia, depois eu convidei que o Neto viesse, até então ele era o Secretário de Desenvolvimento, ele veio explicar, mostrou os papéis do Ministério Público, de toda a solicitação. Então, eu só estou pedindo esse prazo, o Vitor acho que estava também, sobre o Guerra Milk, entender até onde isso, não aprovado, pode prejudicá-lo. Então, fica aqui o meu pedido de vista, Sr. Presidente. **JULIANE:** Passo

a palavra ao Paulo Rodrigues Alves Pereira. **ANTONIO:** Pela ordem, Sr. Presidente. Se pediu vista? eu acho, se for verificar, não, eu não sou, pode discutir, eu sou a favor do debate, eu estou dizendo que se pedir o vista, de repente é um desgaste desnecessário, porque se for dar a vista, vai voltar, mas eu, desculpe o pessoal. **PRESIDENTE:** É que assim que foi pedido o vista pelo nobre companheiro Rafael Palma, o Porkim deu sinal que queria falar, e o Vitor também. **ANTONIO:** Então, tranquilo. **PAULO:** Boa noite, Sr. Presidente, vereadora, vereadores, todos aqui presentes. Eu também sou totalmente contra, por mim já mataria esse projeto aqui agora, já falei em sessão passada, os comerciantes já vêm pedindo socorro, agora mais uma taxa, você anda pela cidade, você vê os comércios fracos, na cidade, você vê que a cidade acabou, você vê, as praças já não tem mais movimento, a do fora não tem mais movimento, a Mário Furtado não tem mais movimento, a Rua 1 mesmo, você pega ali, o movimento é da Avenida 7 para frente só, o Orlandia não tem mais nada, os comerciantes vêm sofrendo e já há anos pedindo socorro. Então, mais uma taxa para eles, eu sou totalmente contra e por mim também mataria esse projeto aqui agora. Obrigado. **PRESIDENTE:** Vitor. Boa noite, Sr. Presidente, vereadora, munícipes presentes. Eu, primeiramente, gostaria de dizer sobre a questão da taxa, eu acho que ninguém gosta de pagar a taxa aqui, mas pelo que eu entendi da última vez que foi falado, parece que não pode ser isento, até o Neto falou, se a gente quisesse abaixar, que foi o que o Rafael falou, de abaixar isso para o mínimo possível, que seja, sei lá, um UFMO, que eu acho que é valor de 1,85, o UFMO, então que a gente possa fazer o mínimo possível para que a gente não dê taxa, mas também que a gente não prejudique a pessoa que precisa também vender, porque às vezes a gente prejudica uma pessoa e se a gente colocar muito, a gente vai prejudicar o resto. Então, eu acredito que a gente precisa conversar principalmente com o Neto, que estava à frente desse projeto, agora ele está em outra pasta, mas estava à frente desse projeto, e a gente tentar colocar o mínimo tributo possível, já que não pode ser isento essa situação. Agora, se puder ser isento, que eu acredito que não é o caso, por isso que veio esse projeto para cá, é melhor ser isento, sem dúvida. Eu não gosto de pagar taxa, eu não gosto de pagar imposto, mas, se não puder, a gente tem que chegar. Qual é o menor tributo que a gente pode fazer perante a lei federal, para organizar da forma que tem que ser, dentro do nosso município? O UFMO é 3? Então, a gente teria que fazer o mínimo possível e escutar o restante dos comerciantes para a gente não prejudicar ninguém. Obrigado, Sr. Presidente. **PRESIDENTE:** Como é de praxe, quando se pede um pedido de vista, eu sempre coloco em votação. Então, eu coloco aqui, em votação, pedido de vistas do Rafael Palma. Quem for favorável, permaneça sentado e os contrários se levantem. Pedido de vista aprovado por unanimidade. Até para ratificar, gostaria de estar voltando ao expediente e peço desculpa a todos. Gostaria de colocar em votação a ata da sessão anterior. Quem for favorável, permaneça sentado e os contrários se levantem. Ata aprovada por unanimidade. E voltando a ordem do dia, já

que não temos mais nenhum projeto, terminamos a ordem do dia, passamos diretamente a palavra livre. **MAX:** Presidente, peço a dispensa minha dispensa? **PRESIDENTE:** Dispensa concedida, Max. **MAX:** Obrigado. **JULIANE:** Passo a palavra João Vitor Alves - João Pardal. **JOÃO:** Boa noite novamente, Sr. Presidente. Boa noite novos vereadores, vereadora Juliana, população presente, empreendedor escrito e falado. É um prazer estar falando com vocês mais uma vez. Gostaria de agradecer a todo mundo que foi no Pardal nos Bairros, na edição do Jardim Júlio Bucci. Foi um prazer receber vocês lá na Praça das Goiabas. Muito feliz por tudo que eu escutei. Pessoal valorizando o meu trabalho. Isso me dá um gás maior para poder trabalhar por vocês, população de Orlândia. E aqui, eu anotei algumas demandas para poder falar. Já protocolei os ofícios aqui na Câmara e também vou falar aqui para vocês. Tá bom? Moradores apontam problemas no centro de lazer do Júlio Bucci. Foi mencionada a situação também da Praça do Goiaba também, que a situação ali está mato alto, brinquedo quebrado, chão também tudo quebrado. A gente precisa dar uma atenção. Mato alto e lixo acumulado e falta de iluminação no bairro também, em alguns terrenos ali do Júlio Bucci. Mais dois anos de espera por atendimento de reumatologista e falta de pediatra também na UBS. Na educação, nas escolas, está a falta de águas nos bebedouros, ar-condicionado quebrado, alimentação insuficiente em escola municipal também. Também recebi relatos da Terceira Idade sobre problemas estruturais, presença de ratos e falta de condições adequadas nos espaços públicos. Está falando ali do Clube da Terceira Idade, do Júlio Bucci. Outro ponto é a segurança no trânsito. Sigo um pouco mais de atenção do pessoal do trânsito lá. Também entulhos em áreas públicas, risco de escorpiões e falta de manutenções em canteiros. Ou seja, tudo, né? E também recebi a falta de qualidade de uniformes escolares, que parecia que estavam inadequados pelo que eles falaram. Então, eu fiz a indicação aqui para a Câmara Municipal, fiz um requerimento também para que o prefeito responda para ver se está acontecendo isso mesmo. Também, como não falar aqui da Praça Mário Furtado, né? A gente vai na Praça Mário Furtado e, pelo amor de Deus, como que os comerciantes vão trabalhar na Praça Mário Furtado? O pessoal que vende lanche, o próprio cara do trenzinho. Como que vai criança naquele local, gente? E a desculpa que eles deram foi que os moradores de rua não contribuem para isso. Mas morador de rua planta? Planta, mata? É cada hora uma desculpa diferente. Também como fui procurado por servidores públicos que perguntaram sobre a licença-prêmio, se não está sendo paga. Então, senhor presidente, solicito aqui um encaminhamento de um ofício ao Executivo para esclarecer o que está acontecendo, se é falta de recurso ou falta de planejamento da atual administração. Muito obrigado, senhor Presidente. Por hoje é só. Um abraço a toda a população de Orlândia. **JULIANE:** Passa a palavra para o Clodoaldo Santana da Silva. **CLODOALDO:** Boa noite, senhor Presidente, Mesa, nobres edis, imprensa escrita e falada, municípios que nos acompanham aqui nessa Casa de Lei. Uma boa noite a todos. Senhor Presidente,

quero iniciar essa fala dessa noite fazendo uma pergunta já. Eu vi que foi postada a construção da nova UBS, a UBS VI, no Morada do Sol. Só que eu queria fazer um pequeno questionamento. Nós, vereadores, destinamos, sobre as nossas emendas impositivas, recursos para construções de alguns prédios na cidade. Nós destinamos para a construção do novo prédio do SAMU, para a construção do novo transporte de ambulância. E até o presente momento, já estamos entrando no mês 5, nem os terrenos não foram limpos, não foi feito, eu acredito, estudos, nem nada. Lembrando que essas emendas impositivas têm período, têm data. Então, nós fizemos um levantamento, nós nos juntamos para tentar fazer melhorias para a cidade, e até o momento nós não sabemos como que estão a destinação dessas emendas impositivas. Eu tenho relatos já de alguns lugares que nós destinamos alguns valores, que ainda não receberam o valor da emenda impositiva. Então, lembrando, existe um prazo de validade. Então, se deixar para a última hora, eles não conseguem utilizar, aí o recurso volta para a prefeitura. Então, peço uma atenção maior sobre a questão das emendas impositivas. Gostaria de falar também sobre o prédio da fisioterapia, localizado aqui na Avenida do Café, com a Rua 1. Se vocês passarem ali, lembrando que, fisioterapia para quem? Está debilitado, alguém que está de andador, de alguma forma sim. O motorista tem que parar no meio da rua, porque às vezes tem carro estacionado, e aí a pessoa tem que descer de andador, de muleta, e entrar lá para dentro do prédio. A calçada toda irregular, uma rampa horrível, a calçada já está cheia de mato. E outra coisa, está sendo construído uma outra parte de um hotel, paralelo ao prédio de fisioterapia, e foram retiradas duas máquinas de ar-condicionado do prédio da prefeitura, para não atrapalhar a construção do prédio vizinho. E eles estão sem as duas máquinas, estão ali no meio do pátio. Então, eu peço que a infraestrutura consiga, de alguma forma, recolocar essas máquinas, para que possa dar uma qualidade melhor para os pacientes que fazem uso da fisioterapia. E eu vou além, seu Presidente. Eu passei por lá, dei uma observada. Existem vários equipamentos lá, faltando manutenção. Equipamentos parados, equipamentos encostados. Nós já estamos com um ano e cinco meses, praticamente, de gestão. Daria tempo tranquilo de ter feito a manutenção nesses aparelhos. Lembrando que o aumento de pessoas que fazem uso de fisioterapia é muito grande. Já estão tendo que dividir lá para o centro do idoso. O centro do idoso não tem também um local apropriado. Eu estive no centro do idoso também. As senhoras têm que ficar lá numa varanda ali, quando chove, quando faz frio, têm que ficar ali. Então, peço que o Executivo olhe de uma maneira mais humanizada para essa questão. Porque quem está fazendo fisioterapia não está indo lá passear. É porque é necessário, é porque precisa. Então, eu peço mais uma vez que a Secretaria de Infraestrutura dê uma devida atenção a esses pontos. **PAULO:** Clodoaldo me dá um aparte? Eu estive há um tempo atrás lá também. Verifiquei a situação cheia de mofo, goteiras quando chove. Esses dois ar condicionados mesmo, você deve ter visto, está no tempo lá, tomando chuva, tomando

sol. Protocolei ofício, entrei em contato com o Diego. Os próprios funcionários falaram que o Diego mesmo, quando ainda estava como secretário, e o próprio prefeito, nunca fizeram uma visita no local. A situação lá está bem crítica. Protocolei ofício, mas até o momento as máquinas também, como você citou, todas paradas lá. Não tem uma sala de recepção, a pessoa chega lá para ser atendida, tem que ficar vendo as outras pessoas serem atendidas. Não tem uma cobertura para a pessoa chegar. A recepção mesmo, a pessoa passa, nem sabe se é uma recepção ali. No início, se estiver chovendo, a pessoa molha. Está bem crítica a situação ali mesmo. Obrigado. **CLODOALDO:** Olha aqui a situação. Então, você vê que não é invenção. O vereador Paulo já teve a experiência de estar nesse lugar. E para vocês verem, lembrando, lembrando, nosso prefeito é fisioterapeuta. Será que ele não tem noção de como as pessoas chegam debilitadas naquele lugar? Poderia, o espaço que tem ali, poderia sim fazer uma cobertura. E a própria van conseguir entrar lá dentro, para poder descer o paciente mais próximo. Poderia fazer, sr. Presidente. É um investimento para a saúde pública. Então, mais uma vez, peço uma atenção. Nós estamos falando de prédios públicos. Vou falar do Mini Hospital. Sobe agora, tenha curiosidade, os vereadores, agora. Sobem à Rua 6 e dêem uma olhada na frente do Mini Hospital agora. Às vezes as pessoas falam assim, ah, eu vou para o hospital. Dependendo do que for, eu prefiro ir no hospital. Só pela aparência, sr. Presidente. Você passa na frente do Mini Hospital agora, o Mini Hospital está escuro, aquele monte de coqueiro jogando bicho para o chão, as folhas caídas. Lembrando que o ex-secretário Diego Meloni, a gente já havia falado com ele, solicitei o mínimo, que era fazer a poda daqueles coqueiros, fazer uma manutenção na frente do Mini Hospital, iluminar o Mini Hospital. Para quê? Para que as pessoas entendam, ali é um ambiente hospitalar. Não dá para chegar ali e você olhar a frente de um ambiente hospitalar da forma que está. Nós temos todos os problemas com o hospital beneficente, mas você passa lá, o hospital está sempre limpo. Você vê 24 horas pessoas varrendo, pessoas limpando, pessoas podando. Hoje mesmo, o Nego estava fazendo um trabalho na frente do hospital e você vai na frente de uma unidade de saúde que teria que desafogar o fluxo do hospital, não dá coragem de ir lá. Então, como que você vai usar o serviço público se você não tem o mínimo, o mínimo para poder fazer o uso do serviço público? Então, peço que o atual secretário agora... **LUIS:** Me dá um aparte? **CLODOALDO:** Só um minutinho. Ele deu uma atenção, peça para ir lá fazer a poda daqueles coqueiros, podia ir para roçar aquela grama. Se possível, faça uma pintura na frente daquela unidade, porque pelo menos já dá uma aparência melhor, pelo menos já muda algumas coisas. Lembrando que essas manutenções já vêm de tempos, mas é o que eu sempre digo, nós estamos na nossa legislatura, na nossa gestão, nós, como vereadores, temos que cobrar do executivo para que dê melhores condições para os prédios. Então, nós estamos cobrando aqui prédios novos, mas o mínimo de manutenção necessária para o bom funcionamento de uma unidade de saúde. Muito obrigado, seu Presidente. **LUIS:** Só para

completar o que o senhor estava falando, vereador, na sexta-feira nós tivemos um pequeno acidente lá, caiu uma folha de coqueiro na cabeça de uma criança lá. Eu estive lá a pedido de uma mãe e hoje entrei em contato com o Secretário do Meio Ambiente e a Defesa Civil para que se entre em um acordo para estar podando aquilo lá. Foi feita até uma sugestão de retirada, porque lá está escuro, mas parece que eles estão tentando agora emprestar uma pranchinha para poder podar. Eu seria a favor de podar, mas isso não cabe a mim. Eu pedi ajuda à defesa civil e depois com o secretário do meio ambiente, todos prontamente se propôs a ajudar. Eu acredito que a competência de manter aquele prédio público lá seria da Secretaria da Saúde, mas de imediato agora está com o Fred e ele se propôs a nos ajudar para resolver um problema lá emergencial.

CLODOALDO: O senhor citou sobre a secretaria? Desde o ano passado, vereador, eu tenho pedido para fazer a poda ou até mesmo a supressão daquelas árvores que ficam na Avenida M. Lembrando que elas têm um risco muito grande de queda. Os próprios vizinhos já protocolaram um pedido na prefeitura para fazer a retirada daquelas árvores. No tempo de chuva e vento, ela chega a dobrar, sr Presidente, pega na rede elétrica, na última chuva forte que teve, onde teve várias quedas de árvores, caiu um galho dessas árvores lá e pedi, a gente pediu para fazer a poda, para diminuir aquelas árvores e até o presente momento se encontra da mesma forma. Aí espera acontecer alguma coisa pior para depois ir lá fazer o serviço. Foi a mesma coisa da Marginal Fepasa. Eu pedi no meio do ano, foram enrolando, enrolando, enrolando, enrolando. Quando caiu as árvores, começou a cair, caiu numa moça de moto, aí foram lá e começaram a fazer a supressão das árvores. Então, assim, a gente não dá para esperar acontecer o pior para poder trazer solução. Então, se pode cortar agora, pode cortar antes, não precisa esperar acontecer algo pior. Muito obrigado.

JULIANE: Passa a palavra para o doutor Antônio Carlos Leite.

ANTONIO: Senhor Presidente, mesa, senhores vereadores, aqueles que estão presentes aqui na Câmara, aqui é a casa do povo, sejam bem-vindos, e aqueles que nos acompanham pela internet. Um galho. Há mais de um mês, eu tenho na minha rede social publicado um galho pendurado prestes a cair na calçada. E eu fiz questão de, todos os dias, ir lá no mesmo local e filmar aquele galho e pedir, e antes que alguém me pergunte, com ciência do responsável. Dia 23/3, fiz a primeira imagem, hoje é dia 27/4, e foi rotulado, inclusive, de estar desequilibrado. Não é desequilíbrio mental, estou nas minhas plenas faculdades mentais, não é problema de cognição, eu sei discernir o que é certo e o que é errado. Não se trata apenas de um galho. E aí eu quero sublinhar e deixar a imagem aí apenas para ilustrar. Não se trata de um galho. A questão, ela é simbólica. E é isso que eu queria demonstrar. Se a prefeitura não consegue cortar um galho em um mês, imagine as demais questões da nossa cidade. Fui indagado nessa semana sobre o aumento do nosso parque industrial, investimento em um novo distrito industrial, fomentação do comércio, da indústria. Nada disso tem sido comentado. Aliás, o nosso distrito industrial, lá no final tem uma lagoa de não sei o quê. Outro dia estava

vazando esgoto lá no meio. Nada. Não se trata apenas de um galho. Se trata da incapacidade do Poder Executivo fazer o mínimo. Mas as pessoas não entenderam e o Executivo não entendeu, então eu vou explicar isso hoje, aqui, em plenário. Porque parece que nós somos doidos. Eu não estou filmando apenas um mato. É mato, precisa ser cortado. Mas se não consegue cortar mato, vai fazer o quê? Eu filmo entulho e alguém diz mas você está filmando entulho todos os dias. Sim, e não se trata apenas de em Túlio. Se a Prefeitura não der condição, não tiver condição de cortar mato, de limpar em Túlio, vai fazer mais o quê? E eu fico de pé para não correr o risco de bater na mesa. Mas mereceria. Hoje alguém me indagou sobre o AME. Mas será que um dia o AME virá para a Orlândia? Como? Se um amigo meu, um munícipe, precisa de um aparelho auditivo e não tem há mais de dois anos, e eu fui pesquisar, a doutora Juliane tem razão, boa parte dos problemas mentais vem por falta de uma boa audição? Como? E esses alunos que enchem os ônibus de estudantes que estão se formando e amanhã precisarão de trabalho? Vão trabalhar aonde? Se nós em Orlândia não conseguimos cortar mato e ainda queremos impor tarifas sobre os comerciantes, esses comerciantes que têm limpado os túlios da cidade? E a Orlândia vai ter faculdade? Como? Se nós não conseguimos nem recuperar os nossos prédios públicos? Vai trazer faculdade para onde? Para quê? Se não consegue cortar um galho? E eu tentei explicar isso. Não entenderam. Não se trata de um galho. Se trata da incompetência de fazer o mínimo. Fui filmar o ponto de ônibus que está sem cobertura aqui na frente. Alguém diz, tem tanto problema na cidade. Não se trata só da cobertura do ponto de ônibus. Eu estou querendo dizer que se não consegue cobrir um ponto de ônibus, vai fazer mais o quê? O quê? Já que não entenderam, eu vou ficar em pé e explicar. Não se trata de um galho. Se trata do futuro da nossa cidade. Nós estamos perdendo a nossa cidade. E as pessoas não entenderam. Não é o galho. Eu poderia chamar o Nego da Maruca. Em dois minutos a gente tira aquele galho. Não é, Nego? Mas não é, eu queria apenas perceber o espírito do nosso Executivo. E o espírito do nosso Executivo. E quando eu falo isso, repito aquelas palavras, doutora Juliane, não estou mencionando pessoas. Estou falando do trabalho da administração. Não levem para o lado pessoal. Comecem a trabalhar. Comecem a cuidar do povo. Comecem a pensar na cidade de Orlândia, no futuro de Orlândia. E eu precisava dar ênfase, Sr. Presidente, e eu já encerro. Porque não se trata só do mato do Córrego dos Palmitos. Ah, o leite só filma mato, não tem plano nenhum para a cidade. Olha, gente, se a Prefeitura não conseguir cortar mato, podem colocar a sacolinha no ombro e ir embora. Porque se não conseguir cortar mato, não vai conseguir fazer mais nada. Não se trata de um galho pendurado. Se trata do futuro da nossa cidade. E as pessoas não entenderam, o Executivo não entendeu. Talvez eles achem que é brincadeira, e eu não estou aqui para brincar. E eu peço só um minuto, um segundo, não um minuto. Eu não estou aqui para brincar. Eu nunca brinquei aqui na sessão. Eu nunca usei da minha palavra para perseguir pessoas. Eu nunca usei da minha palavra para

6890

diminuir pessoas. Eu nunca usei da minha palavra para puxar o tapete de ninguém. Eu amo essa cidade. Estou falando isso com amor. Como alguém que quer o melhor para a cidade, mas precisa começar a fazer aquilo que é certo. Não está conseguindo tirar um galho. Muito obrigado, Sr. Presidente. **JULIANE:** Passo a palavra para o Vítor Favaro Tonetto. **VITOR:** Boa noite, Sr. Presidente, munícipes presentes, vereadora. Eu nem ia falar aqui, mas tem hora que a gente precisa até se expressar um pouco e tentar mostrar para a população também a realidade da nossa cidade. Hoje, como o Dr. Leite falou, da questão dos galhos, do mato, você chega lá e vê que muitos locais têm essa dificuldade e a gente gasta 300 mil reais mensais para fazer esse serviço, que eu acho um valor alto. Então, o que eu sempre tento dizer aqui, que foi o exemplo do mato, é que, sim, nós temos que tentar achar uma solução para a gente gastar menos e ser eficiente. Porque cada vez mais a gente percebe que nossa cidade tem diminuído a arrecadação e a gente cada vez mais tem responsabilidades que são dadas pelo Governo Federal, pelo Governo Estadual. A prefeitura não é um banco de imprimir dinheiro. Então, a gente tem que começar a analisar onde a gente pode ser mais eficiente, começar a economizar dinheiro em alguns locais que a gente consegue para investir em outros. É igual eu falei, a gente está aí com a roçada hoje, uma média de 300 mil reais por mês. Hoje, eu falei, desde o início do mandato, eu fiz um levantamento. Se hoje a prefeitura fosse totalmente digital, a gente economizaria uma média de 400 a 500 mil reais por ano, só de não utilizar papel. Se hoje a gente conseguisse seguir no caminho de colocar a energia solar, como a gente vem falando, era uma economia de 60% do valor que a gente gasta. Então, eu acredito que, antes da gente fazer tudo o que é visível, precisa ser feito algo que as pessoas não vão enxergar nesse momento, mas vão começar a perceber a partir do momento que isso for feito. Porque é onde a gente economiza o dinheiro, melhora a eficiência e começa a ter dinheiro ao mesmo tempo para poder fazer o que precisa ser feito. Isso não é de hoje, mas uma das coisas que é difícil, se a prefeitura fosse uma empresa privada, por exemplo, todo mês começa com a prefeitura devendo 13, 14 milhões de folhas, que é um valor maior do que a arrecada. Ou seja, se isso fosse em uma empresa privada, as pessoas começariam a cortar os custos para ter investimentos também na cidade. Então, quando a gente vai falar de prefeitura, nós também, eu tento, eu, como vereador, tento analisar como um empresário, uma pessoa que tem uma empresa privada, agiria. Só que, infelizmente, a gente não consegue. Hoje a gente não consegue cortar o gasto dessa forma. Hoje nós temos um déficit na previdência autoral de 220 milhões, que isso, mais para frente, eu vou explicar como que a gente chegou nisso, porque não vai dar tempo hoje. Mas quando o servidor público souber o que aconteceu para que isso chegasse nesse ponto, não sei se eles vão ficar tão felizes com outras administrações como já tiveram. Então, eu tento analisar sempre de uma forma fria e direta para que a gente possa ter eficiência e falar a verdade para a nossa população. Muitas vezes as coisas parecem ser muito simples, mas, na verdade, não é. Porém, tem

muitas coisas que são simples e podem ser feitas. Então, eu concordo em muitas coisas que o doutor disse aí, mas antes da gente pensar no que está sendo visível, que hoje é a questão do mato, do lixo, às vezes do entulho, é a gente pensar como a gente pode resolver isso e ser mais eficiente nessa situação. Porque isso a gente vem... Desde quando eu acompanho a política, a cidade tem os mesmos problemas. Não muda. A cidade não muda. A cidade tem os mesmos problemas. Isso faz 20 anos, faz 15 anos. Não muda os problemas da cidade. Então, nós aqui temos que começar a analisar e também o Executivo, como a gente vai fazer para mudar os problemas da nossa cidade. Porque a população está cansada de apontar sempre os mesmos problemas e o vereador também. Então, eu acho que, claro que nós temos que fiscalizar, claro que nós temos que cobrar, só que nós temos que tentar achar o caminho para que os problemas que nós temos hoje, e eu já falei isso aqui, quando a gente terminar o nosso mandato, não existam mais. Porque esse é o propósito do nosso trabalho. Sei que tem muita gente que fala até inclusive, o vereador, o político, não quer resolver o problema. Porque se o político resolver o problema, depois a população não precisa votar nele, porque não tem problema na cidade. Eu já penso o contrário. Eu acho que a população tem que votar no vereador para ver se ele está resolvendo, para ver se o Executivo está resolvendo, para ver se ele está melhorando com o que ele reclama na cidade. E eu acho que esse é o caminho que nós temos que seguir. Então, quando eu analiso a Prefeitura de uma forma ampla, eu vejo que os problemas que parecem simples precisam de muito mais coisa por trás para ser resolvido, para que a gente consiga resolver os problemas que são simples. Porque a situação não é uma situação que a gente chegue, igual, como eu disse, em uma empresa privada, e fala, nós vamos cortar isso, nós vamos cortar aquilo, nós vamos mudar isso aqui, porque hoje nós temos uma lei que não permite que a gente faça isso. Infelizmente, cada erro, seja de gestão atual ou passada, cada erro que é cometido na Prefeitura é carregado para frente. E é o que eu sempre falo. Infelizmente, na minha visão, hoje, os problemas, para a gente resolver os problemas visíveis da nossa população, primeiro, nós temos que resolver os problemas que ninguém enxerga. Então, eu deixo esse pensamento aqui e explicando isso para a população, que eu acredito que, quando a gente melhorar nessas situações, mudar a forma de fazer, aí nós vamos começar a melhorar os problemas simples também que nós temos no nosso município. Obrigado, Sr. Presidente. **PAULO:** Você me dá um aparte? **VITOR:** Claro. **PAULO:** O primeiro passo, do meu ponto de vista, é parar de olhar para trás, parar de olhar para administrações passadas, começar a fazer pelo menos o básico, parar de ter desculpa para tudo, solução para nada. É simples o que a população vem pedindo, o que nós vem pedindo. Começa a fazer o básico, o simples. Por onde você anda, você vê que é coisa simples de se fazer e não está fazendo, sendo sincero. Então, comece a fazer o básico. É isso que a população vem pedindo, no mínimo. Obrigado. **VITOR:** Eu não discordo de você, não. Só que é o que eu estou querendo te dizer. Infelizmente, a prefeitura, isso

6892

não é de hoje, é hoje, todas as gestões, desde que eu me entendo por política e gosto de política, eu percebo que a prefeitura só apaga fogo. A prefeitura, a doutora está aí, é melhor você prevenir ou remediar? **JULIANE:** Prevenir. **VITOR:** A prefeitura só remedia, só remedia, só remede, só remede. A prefeitura não consegue ter uma base, isso eu falo de todos. A gente tem que achar uma forma de ter um propósito onde a prefeitura consiga ter na mão todos os problemas, isso eu falo em números, do município, para a gente começar a prevenir e não remediar. Porque remediar custa mais caro. A hora que abre o buraco, é muito mais caro você tampar o buraco que hoje existem formas de, por exemplo, você conseguir entender que esse buraco vai abrir e não deixar ele abrir. É muito mais barato você chegar e fazer a prevenção para que aquele buraco não abra. E a prefeitura sempre acontece dessa forma, o vereador aponta, o munícipe aponta, ou seja, só vai lá na situação a hora que já está o problema. Então, quando eu falo de a gente mudar a linha de pensamento, de fazer algo para a população que seja diferente do que já foi feito, é isso. É a gente começar a enxergar o que pode ser feito antes de ocasionar o problema. E, infelizmente, a gente vê que toda vez é isso. A gente vai lá, aponta e aí o problema é resolvido. Então, a gente precisa primeiro melhorar o que não é visto para a gente chegar na situação, chegar no momento que a gente vai conseguir prevenir do que fazer com que esse problema seja resolvido depois de já ter acontecido. Eu te dou a parte e depois já finalizo. **JOÃO:** Pode falar, Sr. Presidente. Obrigado, Vitim. Vitim, você falou que a prefeitura tem sempre os mesmos problemas das gestões anteriores, é sempre a mesma coisa. Mas o Thor foi eleito, pelo menos o diálogo dele, que ele era a mudança. O povo confiou 75% da população de Orlândia confiou nele porque o diálogo dele era eu sou a mudança. Então, ele tem que fazer por onde. 75% da população de Orlândia confiou no cara. Pô, é a votação mais histórica. E a gente está vendo, a gente está acompanhando, nós como vereadores, a gente anda pela cidade e a gente está vendo que não saiu do lugar. Eu não estou falando bobeira. Até, acho que piorou um pouco, porque o tio Sérgio Bordin estava fazendo pelo menos o feijão com arroz, bem feito ali. O pessoal queria mudança, o Thor ganhou. Mas, pô, vamos parar, igual Porkim falou, vamos parar de dar desculpa. Vamos fazer o feijão com arroz, vamos trabalhar, sem ficar falando da gestão anterior, falando depois. Pô, vamos ser humilde, botar a cabeça no lugar, aí falou de gasto. Pô, eu estou de cargo comissionado. Pelo amor de Deus, Thor, a gente está aqui para te ajudar. As indicações que a gente faz aqui não é para pegar no seu pé. A gente está aqui para te ajudar a fazer um bom governo. Porque se você faz um mau governo, a gente também se leva. Então, vamos ter humildade. Pé no chão, fala, ó, gente, se reúne com todos os secretários, com todos os cargos comissionados, cargos que não são comissionados. Gente, ó, é o seguinte, esse um ano e meio não foi bom. Agora, vamos começar a trabalhar? Vamos começar a fazer o feijão com arroz? Vamos fazer bem feito? Porque... Por hoje é só, Sr. Presidente. Muito obrigado. Valeu. **VITOR:** É, mas é o que eu falei, eu não discordo, os problemas

continuam os mesmos. É o que eu falei na fala. Os problemas permanecem. E a gente tem que mudar isso aí. E agora, só para dar, finalizar, Sr. Presidente, para falar da questão dos cargos comissionados, que eu acho que é importante isso também. Eu acho que eu nunca falei isso aqui, mas isso é exposto. Existe 150 disponíveis cargos, hoje tem 126 pessoas alocadas, mas comissionados de verdade são 42. É o que eu sempre falei. Quando a gente vai falar em números, vai falar em corte de gasto, é importante a gente falar os números corretos para a população. Porque 42 cargos, a gente cortar hoje os 42 cargos que é puro, comissionado puro, não dá 2% da folha. É isso que eu quero dizer. Por quê? Porque hoje a maioria dos cargos que hoje tem de comissão são pessoas concursadas que estão em um cargo de comissão, como se tivesse ganhado uma promoção do cargo dela. Então, é o que eu dei de exemplo aqui já. Por exemplo, uma pessoa que ganhava R\$ 5.000 vai para um cargo de 7, você está gastando R\$ 2.000 com aquela pessoa, fazendo um investimento de R\$ 2.000 naquela pessoa. Se fosse colocar o cargo comissionado puro, ia gastar os R\$ 5.000 do salário do concursado, mais os R\$ 7.000 do salário da pessoa que é comissionada. Então, hoje, nós temos lá, comissionado puro, 100%, 40, 40 e poucas pessoas. Então, é por isso que eu falo. Mesmo assim, a folha continua alta. E isso quando a gente fala, e desculpa me estender, tá, Presidente? Quando a gente fala de questão que a gente não pode olhar para trás, a gente tem que olhar. Porque, infelizmente, se hoje está dessa forma, a máquina ficou inchada, foi por conta de decisões que foram passadas. Seja do Sérgio, seja da Flávia, seja do Vado, seja do Rodolfo. Não quero falar quem são e nem julgar nomes. Mas, se chegou da forma que nós estamos hoje, cada decisão que foi tomada foi onde foi chegar. E concordo com você. É onde nós temos que ver quais decisões têm que ser tomadas diferentes para mudar o cenário. Senão vai chegar no final do nosso mandato e a cidade de Orlando vai ter os mesmos problemas do dia que nós entramos. E eu espero que isso não aconteça, porque não foi para isso que nós fomos eleitos. Obrigado, sr. Presidente. **JULIANE:** Passo a palavra para o vereador Rafael Palma de Araújo. **RAFAEL:** Boa noite, sr. Presidente, amigos vereadores. Novamente, a todos os munícipes presentes, saldo aqui o nosso Sargento Fernandes, suplente de vereador. E já aproveitando, falando também em algo que a gente havia conversado, a APAE volta agora a ter um micro-ônibus, que estará funcionando apenas um micro-ônibus na APAE, onde ele é adequado para cadeira de rodas ou para quem tem mobilidade reduzida. Parece que o sargento Fernandes já falou com o prefeito Gabriel Thor para que ele pudesse ajudar em mais um veículo, por exemplo, ou mais uma ajuda de transporte, que seja uma van, enfim, adaptada, porque um micro-ônibus vai ficar muito pesado em termos de horário, pode atrasar, então quem sofre é os meninos da APAE. Então reforço aqui o meu pedido, viu, Sargento Fernandes, para que isso possa acontecer e o prefeito, o executivo, dá total atenção. Eu estava no telefone agora, após a nossa conversa do projeto, o único projeto que nós tínhamos aqui, que é o projeto de lei complementar número 3, mandei mensagem para

o Chicão Guerra, ele me retornou, e ele disse, Rafael, amanhã vou entrar em contato com Aristides, da prefeitura, que na época foi feito por ele, toda essa parte do SIM lá atrás, que é essa lei de 12 de dezembro de 2003, e volto a te falar por que. Vieram pessoas da Vigilância Sanitária de fora, porque tiveram denúncia no meu comércio, e eu prefiro sim, Rafael, pagar 20 reais, de repente, por ano, e ter a minha rendinha ali que eu faço, do que chegar e ser barrado. Então amanhã eu te dou uma resposta, e isso eu vou passar para vocês. Novamente, hoje eu sou contrário a esse projeto, mas se for prejudicar ele, ou o pessoal que vem e vende peixe aqui na feira também, se for prejudicar eles para que eles não ganhem nem a renda deles, aí sim nós reduzimos drasticamente essa taxa para poder ajudar, para que não tenha outras denúncias, e travar o pouco já que ele ganha. Sr. Presidente, eu liguei para o Alcides das Ambulâncias, porque tem um caso aqui que eu quero trazer, que isso é de responsabilidade até do hospital, e é um alerta para que a gente possa debater e visualizar, de repente, aonde que eu quero chegar. No deslocamento das vans que transportam os pacientes, que tem, de repente, um transtorno bipolar, pessoas que precisam ser internadas em clínica psiquiátrica, do travamento da porta em andamento nas vias. Por quê? Eu vou contar algo aqui, ou até uma pessoa que possa acompanhar para ter uma segurança dentro da van. Teve um paciente que tem transtorno bipolar, estava em surto psicótico, sem crítica da realidade, sem adesão a tratamento medicamentoso, e com indicação de internação em hospital psiquiátrico. A vaga foi liberada em Franca, mais ou menos por volta de meio dia. O hospital que é responsável pelo transporte, e eu não estou falando do motorista ou do Alcides, eles chegaram lá com um pouquinho de atraso, e isso eu falo que faltam sim motoristas, faltam sim ambulâncias, faltam sim material para ser trabalhado no município. E o hospital disse que o paciente estava bem, só que o paciente não estava bem. Acabei de ler aqui que ele estava em surto, estava sem crítica da realidade. E aí o paciente entrou na ambulância, e ainda bem que ela não estava em movimento, ele mesmo abriu a porta, saiu correndo e fugiu. Ele fugiu da ambulância. Foi encontrar ele depois em outro local, e posteriormente foi parar em Ribeirão, onde ele morava por ônibus, enfim. E o que eu quero alertar, e que eu procurei na internet, existe uma trava inteligente dessa porta, que o próprio motorista abre. Ou seja, em deslocamento a porta tem uma segurança, você imagina se um paciente desse, se não tem alguém acompanhando, ele abre em movimento com 80 km por hora e pula ali da ambulância. Então que a gente possa talvez trazer algum protocolo melhor, para que essa ambulância, em qualquer local, seja externo para outra cidade, ou seja interno, quando ela estiver em movimento, que pelo menos ela tenha um sistema de trava, que as pessoas consigam abrir, obviamente, a enfermeira que vai junto, o motorista que está lá, quem está lá dentro também consiga abrir, mas que seja uma trava que as pessoas simplesmente não puxem e abrem a porta de uma vez. Então nós precisamos sim melhorar essa parte. O hospital é responsável por levar esse paciente, o hospital é

responsável por informar o estado do paciente, então eu só trago isso para a gente tentar alertar, porque a gente não está tirando o direito de liberdade das pessoas, não. Nós só estamos fazendo com que a segurança desses pacientes em transporte seja correta. **SEBASTIÃO:** Dá um aparte, Sr. Rafael. **RAFAEL:** Sim. **SEBASTIÃO:** O senhor está dizendo que o hospital é hospital ou mini hospital, ou quem toma conta das ambulâncias? Eu acho que não está muito certo. **RAFAEL:** Não, se ele estava internado no hospital, a responsabilidade da internação é do hospital mandar, o Clodoaldo pode até falar melhor para isso, o hospital é responsável pelo paciente. O transporte, ele só vai fazer o transporte de acordo com o que o hospital pediu. **CLODOALDO:** Você me dá uma parte? **SEBASTIÃO:** Não, mas dá licença. O hospital, a ambulância chegou, pegou, colocou na ambulância, o hospital não tem como verificar isso aí, não tem como corrigir isso aí, isso aí quem tem a ver é o pessoal da ambulância, é quem está com a ambulância. A trava, o senhor está certo, tem que ter a trava, sim. Está errado de não ter a trava. **RAFAEL:** Sim, justo. **SEBASTIÃO:** Porque aí não tem como os meninos trabalhar. Agora, sobre o hospital, eu discordo. O senhor desculpa, mas eu discordo, porque o hospital, o paciente está lá, o paciente muda na ambulância, a enfermeira tem que ir para dentro trabalhar, porque ela precisa ficar atrás de acompanhar. Agora, quem está lá na ambulância tem que acompanhar, no meu pensamento. Uma palavra muito linda do doutor Leite é assim, é direito seu de você pensar e direito meu. Então, nós todos estamos certos, estamos certos, então, dá boa do outro. Mas temos que corrigir esse erro aí, porque isso aí está errado, tem que ter essa trava, tem que ver aonde está o erro, só que o erro não é do hospital. **RAFAEL:** Não, mas ninguém falou que o hospital está errado. Eu estou falando que a responsabilidade é do hospital avisar que o paciente está em surto. O hospital simplesmente não pode chegar de um paciente que está com laudo de internação numa clínica psiquiátrica, em Franca, que o transporte chega lá simplesmente e o paciente está normal. Então, o hospital é responsável pela internação naquele momento. Não estou falando que tem erro o hospital. Em nenhum momento eu falei, pode puxar isso, eu falei que alguém está errado. Eu estou falando justamente porque o hospital tem que passar para a ambulância que só vai fazer o deslocamento como que está o estado do paciente. E aí o paciente entrou na ambulância, não tinha entrada em movimento, ele saiu e fugiu. Isso acontece. Então, o motorista chegou e olhou o hospital e falou que o paciente estava tudo certo. Então, de repente, há um cuidado melhor. Eu falei com o Alcides, fiquei uma meia hora falando com ele, ele me explicou toda a situação. Então, a responsabilidade é da Prefeitura também em mandar uma pessoa responsável para ficar dentro da ambulância, de repente, de acompanhamento, porque quem é responsável pelo paciente é o acompanhante que está indo junto com ele. Então, não existe erro. Eu só estou tentando ajustar que se em um possível deslocamento uma pessoa abre a porta, não tem erro. Mas que precisa ter uma trava em deslocamento pela segurança, não pela liberdade da pessoa. Porque Deus

me livre e guarde, abre um 80 por hora em uma pista, uma pessoa dessa cai. Então, não tem erro. Em nenhum momento eu falei erro. Eu falei que a responsabilidade de aviso é a do hospital. Você quer uma aparte Clodoaldo? Sim. **CLODOALDO:** Esse assunto tomou uma proporção até um tanto desnecessária. Vou explicar o porquê. Isso é muito comum, muito comum, você se deparar com um paciente em surto psicótico e ele não quer ser internado. Entendendo que se ele chegar lá no Allan Kardec, se eu chegar com ele lá agora, Sr. Presidente, ele olhar para o médico e falar assim, eu não quero ser internado, não interna, manda embora de volta. Então, o caso desse menino, primeiro que ele não estava residindo na cidade de Orlandia. A família é de Orlandia, trouxeram ele para cá, ele foi internado no hospital, foi medicado, enfim. Vou explicar como que é o procedimento, o protocolo. Ele é internado no hospital, medicado, até ele ficar mais calmo. Enquanto ele está em observação, faz-se a regulação da vaga cross, solicitando uma vaga, ou em Igarapava, na Santa Casa, ou no Allan Kardec. Esse fato foi regulado para o Allan Kardec. O hospital precisa entrar em contato com o transporte de ambulância, solicitando o transporte para o paciente. Lembrando que nós trabalhamos com programação. Então, o hospital não pode ligar e a gente não tem como sair no horário e já levar naquele instante. Às vezes o motorista está fora da cidade, às vezes tem um motorista dentro da cidade, às vezes a ambulância que tem na cidade não comporta fazer esse transporte, então tem que se aguardar chegar algum motorista para poder fazer essa viagem. Então aqui está explicado o suposto atraso. E aí vamos por partes: O vereador Rafael falou sobre a trava. Todas as ambulâncias têm trava, só que a trava funciona a partir de que se dê a partida e que se comece o movimento, assim como todos os veículos. Mas, quando está em transporte, ela está travada. Quando fala-se de responsabilidade, sim, a responsabilidade é do hospital. Ele está internado no hospital. No entanto que, esse tipo de transporte só se faz com a enfermagem junto. O condutor não pode simplesmente pegar o paciente, principalmente um surto, colocar ele dentro da ambulância com o familiar e levar ele para Franca ou qualquer outro lugar. Então precisa-se de enfermagem. Então o que a gente sempre vem pedindo, que de preferência seja um enfermeiro homem. Quando é homem, seja um enfermeiro homem. E que seja transparente a realidade do paciente. Eu não sei qual foi a divergência de informação, mas geralmente é passado o quadro do paciente. Eu mesmo já acompanhei vários e vários pacientes para ser internado. Então assim, eles falam, a gente acaba dando uma intimidada, enfim. Mas já teve caso de nós levarmos o paciente totalmente amarrados, porque o surto era tão grande que se ele estivesse ali, ele quebra toda a ambulância. Outro detalhe, a partir do momento que você trava ele dentro da ambulância, ele se sente coagido. E aí um bicho coagido. Eu falo que é um bicho coagido. Porque ele está em surto, ele está fora de si, ele não sabe o que ele está fazendo. Eu já presenciei um garoto de 13 anos que quis quebrar toda a ambulância por dentro. Então precisa ter muita cautela quando nós nos falamos de paciente psiquiátrico, porque

assim, uma coisa é transportar um acamado. Você vai pegar ele, vai colocar, vai levar, beleza. Agora a pessoa em um surto é totalmente diferente. Então precisa-se discutir algumas estratégias diferentes para fazer esse transporte. Talvez levar um acompanhante, contratar alguém para que possa levar, para que possa ajudar a fazer a contenção. Quando você pega ele em contenção na própria casa dele, detalhe, o enfermeiro ou quem vai lá conter não vai sozinho. Ele precisa de polícia, ele precisa da GCM, ele precisa do SAMU, porque você não sabe qual que é a realidade do paciente. Nós já pegamos, seu presidente, o paciente que estava com uma faca escondida. E aí você chega e fala assim, eu vou te trancar, você não vai sair. O cara te dá uma facada, acontece qualquer coisa. Então aqui não dá para a gente colocar a culpa em ninguém, e sim discutir uma política que seja favorável para o paciente e que preserve a vida do enfermeiro, do condutor, até do próprio familiar que está ali acompanhando. Então esse fato, infelizmente eu vou falar, ele vai se repetir outras vezes, vai chegar outras vezes que o paciente vai fugir e a responsabilidade, infelizmente, fica dessa forma. Então precisa-se discutir estratégias mais seguras para fazer esse tipo de locomoção do paciente em surto psicótico. Muito obrigado, sr Presidente. **RAFAEL:** Finalizando, agradeço a explicação, Clodoaldo. Eu só falei isso e falei no começo para que a gente possa visualizar o sistema de trava. Porque quando eu falei com o Alcides, ele falou que simplesmente não pode travar. É o que você falou, existe o lado de cá e o lado de lá. E eu só fiquei imaginando na segurança se isso estivesse em movimento com qualquer pessoa. Porque uma pessoa em surto, a gente não sabe o que ela vai fazer depois. Se ela pode simplesmente quebrar lá dentro da ambulância ou simplesmente abrir a porta e pular. Então era justamente para isso, não é para achar culpado. Falei meia hora com o Alcides, ele me explicou tudo. A responsabilidade quando a pessoa está internada no hospital é do hospital. E ele me disse também que talvez o melhor caminho seria realmente o que você falou, ter um acompanhante lá dentro. Ele citou um exemplo que você foi uma vez acompanhando, só de acompanhante lá dentro, porque realmente intimidada. Você desse tamanho, a pessoa fica intimidada. Então, geralmente, e eu acho que o melhor caminho é ter uma pessoa além do familiar que é responsável pela pessoa que está em surto, ter alguém ali dentro também para cuidar do bem ali, da ambulância e também da segurança. Obrigado, Sr. Presidente. Boa noite. **JULIANE:** Passa a palavra o Paulo Rodrigues Alves Pereira – Porkim. **PAULO:** Boa noite novamente a todos. Eu vi que a Prefeitura publicou que vai iniciar a construção da nova UBS na Morada do Sol. Parabéns, é muito importante lá, Morada do Sol, Mutirão, Jardim das Flores. Só que eu peço uma atenção maior para as outras obras, como Teatro Municipal, Espelho d'Água, Gruta, que você acompanha essas obras, você vê que está dando passos lentos, você vê que as obras estão de parar. E peço uma atenção também para o lazer, para o Centro de Lazer Edgar Benini, para o lazer conhecido como Lazer lá da Vilinha. Ontem mesmo eu recebi novamente reclamações, as pessoas estavam lá usando o espaço e não tinha água

nas torneiras, não tinha uma descarga nas privadas dos banheiros. Então eu peço um olhar para esses outros locais, uma atenção para esses outros locais, porque hoje, infelizmente, não temos mais nada em Orlandia, as pessoas não tem onde nadar, não tem onde passear. Então eu peço uma atenção a mais para esses outros locais de Orlandia. **ANTONIO:** Vereador Porkim, me dê a parte, por favor? Outro dia eu passei aqui no teatro. Eu não estou afirmando, eu só estou dizendo o que eu colhi de informação, mas existiam ali, trabalhando, um pedreiro e dois serventes. Alguém pode me dizer, Leite, é mentira, a informação está incorreta, foi a informação que eu colhi. Um pedreiro e dois serventes numa obra complexa, tremenda, como é do teatro. Faça minhas e suas palavras. Não está nem andando, está parado, não tem cabimento. Quando eu fui à gruta verificar lá só, me desculpe o aparte, tinha alguém fazendo uma refeição, tinha alguém olhando um celular e tinha uma pessoa colocando um tijolinho e batendo assim. Não, tem alguma coisa errada. Obrigado. **JOÃO:** Porkim, dá uma parte rapidinho? Falando da parte do doutor Leite e a sua, eu fui visitar hoje a obra do Espelho d'água, fui lá por volta das três horas da tarde, três e meia, não tinha ninguém trabalhando, até gravei um vídeo, vai acabar no para o ar amanhã, e fui também aqui no teatro, e como você falou, doutor Leite, tinha um pedreiro e um servente, tinha um a menos, diminuiu, tinha um a menos. Eu fui aqui por volta das três e meia, quatro horas, tinha um pedreiro e um servente. Aí não anda, não vai pra frente, vai ficar pronto em 2044. **PRESIDENTE:** Ô Porkim, só um minuto, por favor, só cortar a tua palavra. Autorizo a dispensa da doutora Juliane, que está indisposta, ok? Por favor, retoma a sua palavra. **PAULO:** E pra encerrar, inclusive lá na Gruta, uns tempos atrás eu estive lá, em volta da piscina, tinha uma pessoa só sentando as pedras. É o mesmo? Uma pessoa só. É complicado. Então eu peço uma atenção que acelere essas outras obras também, pra poder entregar o mais rápido possível pra nossa população. Obrigado, senhor Presidente. **LUIS:** Com a palavra o vereador Nego da Maruca. **SEBASTIÃO:** Boa noite, senhor Presidente, amigos vereadores. O vereador foi embora, mas que vai comigo, boa noite. Em prescrito falado, ouvintes, tenho também que dizer as palavras do Rafael sobre o ônibus da APAE, micro ônibus, não está dando pra buscar os alunos, tem muitos alunos faltando, isso não pode acontecer. Que a prefeitura tenha rapidez em arrumar mais esse outro ônibus para que os alunos não percam suas aulas. Então a gente pede pro Prefeito que dê rapidez nesse assunto aí. Qualquer coisa, sabe meu telefone, a gente conversa, e a gente tem que correr atrás. Agora, o que eu disse, senhor Rafael, sobre o hospital, eu dou valor aos meninos que trabalham. Eu sinto que eles tentam fazer o possível. Agora, só uma coisa que eu acho que não pode citar o hospital, que não tem como, o hospital liberou, colocou na ambulância, não tem como o hospital tomar conta, isso aí não existe. Eu acompanho muito o hospital, passo, talvez estou na minha casa, duas, três horas da manhã eu passo a ver como é que está, se está atendendo. Canso de dizer o que tem que fazer ou não, que a opinião nossa ajuda muito. Agora, eu só digo

assim, o que eu quis dizer é que valorizo muito o pessoal da ambulância, mas isso é o que o Clodoaldo falou, pode acontecer mais vezes, porque eu trabalhei no hospital alguns anos de motorista, depois passei para enfermeiro, fiquei pouco tempo, mas chegou uma pessoa de uns dois metros de altura mais ou menos e surtou dentro do hospital e queria matar todo mundo. Estava batendo em todo mundo dentro do hospital, teve que chamar a polícia, pegou quatro, cinco polícias e foi o que aconteceu, que segurou essa pessoa e levou para internar. E quando acontece, é difícil. Então, eu dou valor a esse pessoal, nesses meninos das ambulâncias, pelo trabalho deles, pela competência, mas não concordo dizer alguma coisa no hospital, porque a gente sente que não está certo. Eu falei sobre um buraco, um vazamento de água que tem uma rede fluvial passando na calçada, aberto lá na Avenida 17, entre a 24, a Rua 24 e a Rua 26 na Vila Bucci, e a gente não está aqui para brincar, porque a hora que acontecer um acidente ali, é difícil. Primeiro, não tem calçada. Segundo, fizeram uma valeta onde não pode ser feita. Então, eu tenho certeza que tem quem ouve o que a gente fala nas reuniões, isso fica escrito. Eu vou cansar de pedir que faça isso aí. Faça essa calçada. Ah, não tem verba. Tem verba. Inclusive, eu vou cansar de falar essa verba da Cooperlôl que foi devolvida das emendas impositivas. Falei com os vereadores que devolveram, que foram devolvidas essas verbas, concordaram em gastar essa calçada lá na Vila Bucci. Trezentos e poucos mil lá, se gastassem R\$ 190, R\$ 200 mil, eu mexo com o Consul Civil, a gente tem base do que pode fazer. Ali, ao redor do Centro Lazer, na Rua 24, na Avenida 21, fizeram aquele pedaço lá da Rua 26, fico feliz, mas tem que terminar. Não adianta a gente ficar toda semana falando, mas toda semana eu vou falar. O Dr. Leite sempre disse, a gente entrou, foi pra isso. A gente não entrou pra brincar nem coçar a cabeça de ninguém. A gente entrou pra trabalhar, pra fazer o pedido. E a população merece, é impossível que não tenha jeito de pagar os impostos. Então a gente tem que dar uma olhada rapidinho nisso aí, Sr. Prefeito. Eu vou tornar a pedir novamente. Pode ligar pra mim, marcar o horário, nós vamos lá, eu mostro esse buraco que talvez não tá achando. É difícil não ver o buraco daquele. Um buraco de um metro de largura, por três de comprimento, na calçada, e o vazamento dessa água não é de Sanor, não. É água fluvial que tá saindo do prédio, da prefeitura, prédio público. Então, que o Sr. me dê uma olhada, Sr. Prefeito. Eu tô pedindo e todo segundo eu vou pedir até que vocês fazem. A não ser que o Sr. não autorize eu fazer do meu bolso. É só eu pegar autorização com o promotor, é que não pode. O vereador não tem esse direito de fazer isso aí. Mas me dá o direito, eu pego a minha turma e faço. Eu mexo com a construção civil, pra mim é facinho fazer. Mas, tirar o galho que o doutor Leite pediu, eu posso ainda tirar o galho também, eu tenho o pessoal pra isso. Só que o que eu quero, a gente sempre pede aí pelo menos 70%, mas não tá fazendo 5%. 95% tá ficando sem fazer. Eu fiz isso até a proposta. Se eu mudar da Vila Bucci, eu mudo. Se a implicância for com o Nego da Maruca, eu er trei no MDB, uai. Ganhei no MDB, não preciso de ficar correndo atrás de

trabalho do MDB. Eu tenho que correr atrás de trabalho da população da cidade de Orlandia. Então, a gente tenta ajudar, tenta fazer, mas pelo menos, o mínimo que o senhor faz sair por nós, que é pouca coisa. Pessoal da Vila Bucci, se o senhor puxar, votou quase que 80% do senhor. Não sei por quê, mas votou. Eu acho que não esperava esse trabalho desse jeito, não. E uma coisa que nós temos que tentar fazer aqui, o senhor Gilson diz, o senhor Presidente diz, é cada um com a sua opinião, mas uma coisa que nós temos que, se Deus quiser, parar, é dizer do passado. O passado é museu, o passado é o lagarto passado. Nós só, ah, mas o prefeito passado fez, o outro não fez, o outro não fez. Eu não estou a dizer, não vou falar de agradecer prefeito, mas trabalho igual fez o Sérgio Bordin, eu acho que não vai dar conta de fazer mesmo. Faça 50% do que o Sérgio Bordin fez, não precisa mais, não. A cidade vai ficar feliz, 50%. Então, senhor prefeito, o senhor fica tranquilo que nós não vamos te atrapalhar, mas é pouco impedido, olha aquela calçada da 17 lá, olha aquela valeta, aquele buraco que está lá na Avenida 17, a casa do vizinho vai rachar através desse buraco, faça isso aí, senhor. Por mais, eu agradeço a todos, pode falar, senhor. **PAULO:** Aproveitando o assunto da vilinha, quero mandar um recado lá para a vilinha, final de fevereiro, registrei mais de 10 buracos lá, protocolei ofício, tem buraco na Avenida 19, quase de fora a fora, na Travessa 18, na Rua 26, vários pontos lá, tem um vídeo na minha rede social, procurei saber, parece que esse mês agora ele ficou sem empenho, e parece que retornam mês que vem o tapa-buraco, por isso que até o momento aqueles buracos estão lá até hoje. Obrigado, Nego. **RAFAEL:** Só complementando o Porquinho, o empenho, eu conversei com o Zaratim, usou muitas toneladas naquela pista que vai para a usina, então o empenho que tinha já do final, do meio do mês para o final, foi utilizado para fazer o tapa-buraco lá e encerrar indo para a antiga Vale do Rosário. **SEBASTIÃO:** Terminando, o senhor viu o tapa buraco do jeito que está lá? Está instalando pneu outra vez, pode ir lá que tem buraco outra vez. Então agradeço pelo que fez, mas na próxima vez vamos ver se faz uma coisa que não desmancha, com menos de dois meses é impossível. Pode passar lá, caminhão é pesado, carreta é pesada, lá é lugar de caminhão de carreta carregando cana, mas vamos ver o que nós podemos fazer para o trabalho ficar um pouco melhor. Por mais eu agradeço e dizer para todos aí, as autoridades, os fiscais da Prefeitura, o Prefeito, que façam alguma coisa para nós aí, porque se tem está complicado. Tem que arrumar esse buraco da calçada da 17 e tem que assaltar esses pedaços que eu estou pedindo aí da Vila Bucci, senão está complicado. Obrigado, boa noite. **LUIS:** Boa noite, senhor presidente, boa noite, nobres colegas, munícipes presentes aqui, sejam sempre bem-vindos. Imprensa, internautas que assistem nossa sessão pela internet, meu respeito. Hoje vou mandar um abraço que ela está me cobrando, a nossa amiga internauta, dona Luzia Onofre. Presidente do CONSEG, Sargento Fernandes, sejam sempre bem-vindos. Senhora Fernanda Lamonato, membro da AMO, boa noite, seja sempre bem-vinda. Última sexta-feira, eu tive a oportunidade e a felicidade, como foi

lido aqui o convite pelo presidente, professor Gilsão, eu tive a oportunidade e a felicidade de, na sexta-feira, participar aqui no Teatro de Arena, de uma apresentação de uma comunidade indígena, Pataxó, eles que são da querida cidade da Bahia, de Porto Seguro, muitos orlandinos aqui já tiveram a oportunidade de conhecer lá, eu ainda não conheço. Um evento rico, barato e rico em cultura. Nós temos um diretor de eventos, Ricardo Leite, um diretor bastante experiente, gostaria de sugerir a ele que fosse feito em parceria com a Secretaria da Educação, que numa próxima oportunidade, esse evento fosse estendido a todas as escolas municipais, para os alunos, pais e avós. Cultura, quem teve oportunidade de ir, bastante crianças lá, um evento que poderia ter sido mais gente, e como as pessoas não têm o hábito de ir levar as crianças, que fosse estendido nas escolas. Quem foi eu sair de lá encantado em poder conhecer uma cultura de um evento barato, simples, e que em época de vacas magras a gente tem que deixar esses alto custos, esses shows de cantores hoje aí, que chega a quase 1 milhão, 700 mil reais, como já foi pago aqui em Orlândia, 720 mil reais para um cantor. Nós temos que deixar esses eventos milionários de lado e dar mais oportunidade à cultura onde se vai crianças. Todo evento que tem crianças, ele é bom, porque a criança leva o pai, leva o avô e leva o padrinho. Então deixo aqui a sugestão, não é uma crítica, é uma sugestão que numa próxima oportunidade, nós podemos estender esse evento rico em cultura a todos os alunos da nossa rede pública. Na próxima sexta-feira, 1º de maio, vamos comemorar o dia nosso do Trabalhador Data, de profunda importância histórica e social. Essa comemoração se deu origem nas lutas dos trabalhadores em Chicago, nos Estados Unidos, no ano de 1886. Quando homens e mulheres reivindicavam uma jornada mais justa de trabalho, de oito horas diárias, em um período em que as condições eram extremamente duras. No Brasil, esta data foi oficialmente reconhecida como um feriado em 1925. Ao longo dos anos, passou a simbolizar não apenas a conquista de direitos, mas também o reconhecimento da dignidade de cada trabalhador. Em diferentes momentos da nossa história, especialmente durante o governo Getúlio Vargas. Que orgulho falar de você, Getúlio Vargas. Você foi um estadista que tudo que se fala em lei trabalhista, em benefício do trabalhador, tem o nome de Getúlio Vargas. O 1º de maio tornou-se também um marco de anúncios e avanços trabalhistas e de valorização do trabalho. Mais do que uma lembrança histórica, é uma oportunidade de homenagear cada trabalhador, trabalhadora, que com esforço diário constrói o desenvolvimento do nosso país. São pessoas que, com dedicação, responsabilidade e perseverança, fazem a diferença na sociedade, seja no campo, na indústria, no comércio e no setor público. Que esta data nos lembre sempre da importância do respeito ao trabalhador, da valorização das condições de trabalho, a importância do ser humano, e hoje foi dito aqui, condições de trabalho. Não se existe um trabalho bem feito sem condições de trabalho. É uma busca constante por uma sociedade mais justa e equilibrada. Deixo aqui meus parabéns a todos os trabalhadores. Esta é uma homenagem sincera a quem constrói

6902

todos os dias o nosso presente e o nosso futuro. Por hoje é só, Sr. Presidente. Muito obrigado. **PRESIDENTE:** Boa noite a todos novamente. Prometo ser breve, já que nós temos um acordo feito e esse acordo não tem sido mantido. Estamos extrapolando um pouco no tempo, porém, faz parte. Nós temos por obrigação termos conhecimento e responsabilidade no que falamos e fazemos, principalmente nós enquanto legisladores. Nós temos a casa que o Regimento Interno sabe que cada um tem que ter o mínimo de conhecimento. E nós temos que tomar cuidado, porque mesmo respaldado pelo Regimento Interno, pela lei de diretrizes, nós temos também nosso procurador. E mesmo com esse respaldo todo, no dia 23/04, aqui, depois quem quiser ter conhecimento, no Diário do Tribunal de Justiça de São Paulo, DJN. E me permite, doutor Leite, que mencione o meu nome e o seu. A parte que menciona aqui. Ou seja, é um mandato de segurança declarando nulidade de eventos, eventuais atos decorrentes da Lei Municipal 4.437/2025. Ou seja, uma lei que foi feita contra a Sanor. Então, as pessoas gostam muito de falar que nós não fazemos nada, que o vereador parece que está aqui só mesmo para esquentar um lugar, uma cadeira. E as pessoas não sabem da responsabilidade, do risco que corremos quando resolvemos ser representantes. Então, como foi dito por muitos aqui que me antecederam, nem eu e nem ninguém aqui está para brincar. E as pessoas não conseguem entender isso. Então, tem pessoas que não têm o mínimo de conhecimento e se acham no direito de nos julgar, e de nos julgar de forma errônea, equivocada. Isso eu falo também, por quê? Seria muito bom se o convite que chegou até mim, e acredito com os nobres companheiros, do 30º Ciclo de Debates com Agentes Políticos e Dirigentes Municipais, que vai acontecer agora no dia 14 de maio, em Nuporanga, às 14 horas, que esse convite se estendesse a demais pessoas, não somente às autoridades. Para as pessoas entenderem que tribunal de contas, eles fazem apontamentos e nós temos que seguir. Então, o simples fato de gastar-se muito, você responde por isso. E o simples fato de você não cuidar de um órgão público, você responde também. Então, a conservação ou a melhoria tem que ser feita. Porque se você não faz, você é apontado. Então, as pessoas não conseguem entender isso. Então, nós estaremos, eu estarei, pelo menos eu, acredito que os demais colegas, aqueles que puderem, estarão presentes nesse ciclo de debates, até mesmo para adquirir um pouco mais de conhecimento. E é o que estou falando. É uma pena esse convite não poder ser estendido a algumas outras pessoas. Que tudo entende, tudo fala, tudo pode. Por que não faz isso? Por que não faz aquilo? Por que o presidente da Câmara, ao invés de fazer uma melhoria, não pega o dinheiro, não passa por um fundo social que precisa de leite, eles não sabem que nós não podemos fazer isso. Tem leis, tem regras. Então, as pessoas preferem falar do que não sabe. Então, nós somos fiscalizados. Até no tom de desabafo, eu não vou prolongar, encerro a minha palavra por aqui, mas gostaria que as pessoas, quando fizerem críticas, se informem primeiro. Busquem informações. Eu sou professor, não sou advogado. E mesmo assim, eu procuro informação com advogados. Eu não saio

falando a torto e direito o que eu quero. Jamais. E eu tenho, por hábito, respeitar as pessoas. E assim como eu faço isso, é o mínimo que eu espero de outras pessoas também. Ninguém mais fazendo uso da palavra e nada mais a declarar. Agradeço a presença de todos e declaro encerrada a presente Sessão Ordinária.



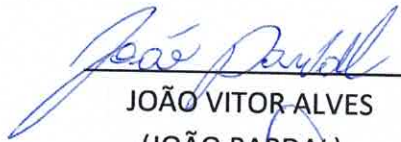
GILSON MOREIRA




ANTÔNIO CARLOS LEITE



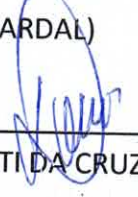
CLODOALDO SANTANA DA SILVA



JOÃO VITOR ALVES
(JOÃO PARDAL)



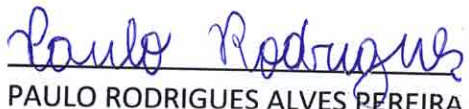
JULIANE FERNANDA POMPILIO



LUIS DONIZETI DA CRUZ
(RATINHO)



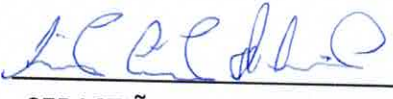
MAX LEONARDO DEFINE NETO



PAULO RODRIGUES ALVES PEREIRA
(PORKIM)



RAFAEL PALMA DE ARAUJO



SEBASTIÃO ATILIO DA SILVA
(NEGO DA MARUCA)



VITOR FAVARO TONETTO

